

# HISTÓRIAS

que merecem ser contadas





Organizadora  
Vanessa de Oliveira Dagostim Pires

# HISTÓRIAS

*que merecem ser contadas*



Primeiro semestre de 2020

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Reitor

Flávio Luis Barbosa Nunes

Vice-Reitora

Adriane Maria Delgado Menezes

EDITORA IFSUL

Editor Executivo

Vinícius Martins

Conselho Editorial

Vinícius Martins (Presidente)

Alexandre Vergínio Assunção

Claudia Ciceri Cesa

Daniel Ricardo Arsand

Demetrius da Silva Martins

Glaucius Décio Duarte

Jian Marcel Zimmermann

Lucas Hlenka

Malcus Cassiano Kuhn

Marcus Eduardo Maciel Ribeiro

Ricardo Lemos Sainz

Editora IFSul

Rua Gonçalves Chaves, 3218 – 5º andar – sala 509

96015-560 – Pelotas – RS

Fone: (53) 3026.6094

[editoraifsul@ifsul.edu.br](mailto:editoraifsul@ifsul.edu.br)

<http://omp.ifsul.edu.br>

© 2021 Editora IFSul

Coordenação editorial:  
Glaucius Décio Duarte

Projeto gráfico e diagramação:  
Patrícia Hammes Strelow

Capa:  
Patrícia Hammes Strelow

Revisão técnica:  
Vanessa de Oliveira Dagostim Pires



## FICHA CATALOGRÁFICA

Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

[br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)



# Sumário

- 07 Prefácio: Um texto sobre o projeto Histórias que Merecem ser Contadas | Evandro Godoy
- 09 Apresentação | Vanessa de Oliveira Dagostim Pires
- 11 Chico Mineiro | Ana Lúcia Scheffer Rodrigues
- 13 Mulher de coragem | Andréa Marcelino Klaus
- 15 A doce infância | Andréia de Fátima Vienel Alves
- 17 De uma infância que não tive, para o melhor de mim | Angela Maria Ferreira
- 19 Um sábado turbulento | Cláudia Suzane de Oliveira
- 22 A história da minha vida | Elidiane Duarte Machado
- 24 Casamento dos meus sonhos | Fabiana Cavalheiro
- 26 Cumplicidade de duas irmãs | Jaqueline da Silva Lima
- 28 A vida após uma desilusão amorosa | Jean Lucas da Silva
- 30 Aquela maldita tarde chuvosa | Karen Paola Alves dos Santos
- 32 Mãe de dez: o começo de tudo | Keterly Amanda Scoss Duarte
- 34 Um filme de nós dois | Lucas Klein
- 35 A pedra no meu caminho | Marilene da Silva
- 36 Lutando pela vida | Paulo Sergio Machado Oliveira
- 37 Três Anjos | Sidnei Eugenio dos Santos Júnior
- 41 Segredo de Infância | Sirlei Gonsiorocki
- 43 Meu Primeiro Amor | Taiana Silva da Silva
- 44 O ano de 1999 | Tatiane Cardoso da Silva



# Um texto sobre o projeto Histórias que Merecem ser Contadas

---

Evandro Godoy<sup>1</sup>

Ao receber o convite para escrever um texto sobre este projeto, fui desafiado a falar de uma prática pedagógica já consolidada, na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, do nosso Curso Técnico em Administração – EJA/EPT. O Campus de Sapucaia do IFSUL, que já tem uma tradição na Educação de Jovens e Adultos e no Ensino Técnico Integrado, vem promovendo a educação profissional e tecnológica em diferentes momentos e com diferentes estratégias. Uma das estratégias pedagógicas já consolidadas no Curso por 15 edições, é o Projeto “Histórias que merecem ser contadas”, que ocorre no quarto semestre (turma 4F). O projeto desafia os discentes a tornarem-se autores de um livro com uma coletânea de histórias redigidas ao longo das aulas.

É célebre a citação de Paulo Freire, do livro Educação: o sonho possível: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. A partir dela, pode-se compreender que a capacidade de leitura não está vinculada apenas à decifração de sinais, mas antes à capacidade de dar significado a esses sinais. A relação, o diálogo entre o leitor e o texto, é mediada por situações concretas e desenvolvidas de acordo com os desafios que o objeto lido apresenta e as reações e intenções do leitor.

Se já a leitura põe-se assim como processo ativo, que reclama de todos nós, além da decifração dos símbolos, a elaboração do sentido, imagina o quão grande é o desafio da escrita. Sobretudo para aqueles que, privados por uma razão ou outra do acesso à educação no chamado “tempo certo”, vem agora na vida adulta, em meio aos diferentes desafios postos pelo cotidiano da nossa sociedade extremamente de-

<sup>1</sup>Coordenação do Curso Técnico em Administração – EJA/EPT  
IFSUL – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense  
Campus Sapucaia do Sul

sigual, procurar melhorar sua formação e “recuperar o tempo perdido”. Apesar do trabalho extenuante, do cotidiano conturbado, dos riscos e das restrições da Pandemia, temos materializada nessa edição do livro a superação de mais um grande desafio.

A execução deste projeto grandioso, é claro, fez o meu desafio de falar sobre ele, um desafio bem pequeno... A realização desse livro mostra que não há “tempo certo” para aprender e para superar. E que mesmo aquele tempo dito “perdido”, trouxe aprendizados e histórias que merecem ser contadas!

É com muito orgulho que apresento essas poucas linhas para registrar minha admiração por essas pessoas que fazem a EJA e o Curso Técnico em Administração do nosso campus cada vez melhor. Gostaria de agradecer às professoras Suzana Trevisan (mentora do projeto) e Vanessa Dagostim Pires, juntamente com toda a equipe da área de Letras, pela magnífica colaboração nos processos formativos que esse projeto representa. Finalizo parabenizando também as autoras e os autores das suas próprias vidas da turma 4F, que aqui nos brindam com suas histórias que merecem ser lidas!

# Apresentação

---

Vanessa de Oliveira Dagostim Pires

Esta é a edição de 2020/1 do livro “Histórias que merecem ser contadas”, e a primeira edição que coordeno, como professora de Língua Portuguesa e Literatura da turma 4F. No início deste ano, ao ingressar no programa de doutorado, a professora Suzana Trevisan, mãe deste projeto que se iniciou em 2013, me convidou para assumir a disciplina e o projeto em 2020. Fiquei assustada, mas feliz com o convite, sabendo que seria um grande desafio. Mal sabia eu que uma pandemia mundial nos assolaria, que as aulas presenciais seriam suspensas, que todos os nossos processos de ensino ocorreriam de forma remota, todas as aulas, a escrita dos textos, as correções, as conversas. O lugar ao lado de minha mesa na sala de sala, onde eu costumo ler com os alunos os seus textos para conversarmos sobre eles, foi substituído pelo moodle, por videoconferências, por e-mails e conversas de whatsapp. Graças à persistência de cada estudante que aqui se tornou autor ou autora, o projeto seguiu adiante, nessa primeira edição produzida a distância.

Em 2020, vivenciamos muitas histórias que merecem ser contadas, e a necessidade de nos lembrarmos de todos os desafios que já superamos tornou-se ainda mais importante. Para o psicólogo americano Jerome Bruner, o ser humano tem uma imensa necessidade de contar suas próprias histórias, e não há outra maneira de contarmos aos outros sobre nossas vidas senão através de narrativas. Quando contamos histórias de nossas vidas, estamos constantemente construindo e desconstruindo nosso “eu” para enfrentar as situações com que nós nos deparamos. Esse processo é guiado pelas nossas memórias do passado e esperanças e medos do futuro. Este psicólogo acredita que, contar aos outros sobre nós mesmos, não é tarefa simples; depende do que achamos que esperam de nós e do que nós contamos a nós mesmos. Sem a capacidade de fazermos histórias sobre nós mesmos não há

como construirmos nossa individualidade.

Este livro, portanto, é uma coletânea de memórias de 18 pessoas corajosas, que enfrentaram suas inseguranças e seus medos e aceitaram o desafio de contar sobre si para o mundo. Cada uma delas escolheu um momento inesquecível de suas vidas para compartilhar com seus leitores que, com certeza, despertarão sua curiosidade, seu sorriso, suas lágrimas. Cada uma delas nos incentiva a enfrentar a vida de frente, a encarar nossas dificuldades (que em 2020 foram tantas) e a não desistirmos da vida, apesar da morte de quem mais amávamos, de um desaparecimento que dura toda uma vida, apesar das dúvidas, apesar das dores, porque ainda podemos encontrar um grande amor numa nova vida que veio sem avisar ou em uma pessoa que bate à nossa porta; a ajuda numa loja de desconhecidos, o socorro de alguém que passava pela rua, ou a paz numa casinha de bonecas no nosso quintal.

Ana Lucia Scheffer Rodrigues



Falar em meu pai João, não é fácil, pois foi um pai maravilhoso, ainda mais eu, sendo a caçula da família, que tive mais carinho e atenção. Aos domingos, no almoço de família, meu mano Tomaz pegava seu violão e cantava com nosso pai as modas de viola e, uma que eles sempre cantavam era “Chico Mineiro”.

Mas, no ano de 2010, nosso pai, aos 83 anos de idade, começou a sentir dor no estômago ao se alimentar. Preocupada, o levei ao médico e ele mandou que fizesse uma endoscopia. Com o resultado do exame, voltei com meu pai ao médico e o diagnóstico deu que era câncer no exôfago. Naquele momento, senti uma dor no estômago, minhas mãos gelaram, pensei: o que seria da minha vida sem o colo do meu pai? E os dias seguiram e, ainda assim, meu pai não perdeu seu jeito alegre e carinhoso com seus filhos e com nossa mãe, ainda gostava de cantar, “Chico Mineiro”.

- Vamos cantar filha, “fizemos a última viagem foi lá pro sertão de Goiás”...

Foram nove meses lutando contra aquela doença. Nos últimos tempos, a morfina já não fazia mais efeito. “Viajamos muitos dias pra chegar em Ouro Fino, onde nós passamos

a noite, numa festa do Divino”. Aí, então, comecei a pedir a Deus que desse descanso ao meu pai, pois já não suportava ver seu sofrimento, nem água não podia mais tomar. Foi quando, no dia 08 de novembro de 2010, meu pai, que estava internado no Hospital Getúlio Vargas, de Sapucaia do Sul, veio a falecer. Foi o momento mais difícil da minha vida, pois eu estava ao seu lado quando ele partiu. “Acabou-se o som da viola, acabou-se o Chico Mineiro”.

No dia seguinte, no seu velório, em meio a tantas lágrimas e sofrimento, com nossa família ali reunida, eu agradei a Deus pela graça de ser filha do João Rodrigues. Na hora da despedida, meu tio Ataíde, que é violeiro, juntamente com toda família e amigos do pai, começamos a cantar aquela moda que marcou nossas vidas, “Chico Mineiro”.

## Mulher de Coragem

Andréa Marcelino Klaus



No ano de 2000, minha mãe, com 63 anos, descobriu seu câncer no útero. O médico sugeriu uma cirurgia onde o órgão seria retirado completamente, e ela seguiria um tratamento diário, o qual ela recusou e resolveu não comunicar a família sobre a doença e seus riscos.

Certo dia, recebi uma ligação do médico, pois na ficha de minha mãe estavam os meus dados como contato de emergência. Fui até a unidade de atendimento e então, durante a conversa, ele me explicou sobre o câncer, seus riscos e o fato de ela estar recusando

os procedimentos e a cirurgia.

Naquele momento, senti como se o chão estivesse se abrindo abaixo de meus pés, o coração estava acelerado, suava frio e estava segurando o choro. Com medo. Após a conversa com o médico, fui diretamente para a casa de minha mãe. No caminho só pensava em formas de como conversar sem demonstrar meu desespero, queria passar uma sensação de tranquilidade e dar forças à ela.

Mas, enquanto eu pensava em formas de falar, só conseguia imaginar como seria seguir a vida sem ela, eu não estava preparada para não tê-la mais por perto. Ao chegar, não

consegui deixar de demonstrar meu sentimento de tristeza, nos abraçamos e não foi possível segurar o choro.

- “Não tenha medo minha filha, decidi fazer o tratamento e vai dar tudo certo”, disse minha mãe naquele momento.

O que se passou em minha cabeça foi a sorte de ter uma mãe tão forte e corajosa.

Após outra visita ao médico, foram solicitados pela segunda vez os exames para ver a gravidade e o avanço da doença. Quando chegaram os resultados, tivemos uma surpresa, o médico solicitou pela terceira vez que fossem refeitos os exames. Questionamos, e então, ele explicou que queria ter certeza de que realmente estavam corretos, pois não havia sinais da doença nos exames atuais. Depois de refazê-los, tivemos a confirmação de que o câncer era inexistente no organismo de minha mãe, seu problema era apenas uma lesão interna no órgão. O tratamento necessário foi realizado e ela finalmente estava curada.

Atualmente, minha mãe está com 83 anos e com uma saúde ótima para sua idade, é uma mulher forte e otimista. Esta história nos serviu como uma lição, pois percebemos o quanto seria difícil não termos mais uma à outra, e então, nos unimos ainda mais. Me sinto extremamente privilegiada por ter em minha vida esta mulher guerreira e batalhadora, a qual eu chamo de mãe com muito orgulho.

## A doce infância

Andréia de Fátima Vienel Alves



Em uma tarde ensolarada, de um dia qualquer, entre meus 4 ou 5 anos lembro-me de como era feliz e não sabia. Eu tinha uma casinha de madeira para brincar de bonecas dentro dela, e ficava no jardim de minha casa. Ela foi feita com muito amor pelo meu pai, pois assim que ele soube que eu nasceria menina, decidiu construí-la.

Ela tinha uma porta cor de rosa, e uma janelinha onde eu adorava quando chovia, pois eu podia admirar as gotas da chuva que caíam ao chão, através dela. Apreciava o cheiro da terra molhada, enquanto eu ficava deitada em cima de um urso grande que tinha na casinha.

Meus dias se passavam quase sempre dentro dela, me divertia com a companhia de meus brinquedos. Além da casinha no Jardim, eu também tinha um balanço que ficava em uma bergamoteira, onde eu subia nela para comê-las. Gostava muito daquele balanço, e brincava de me embalar bem alto para poder admirar o céu.

Mas, assim como tudo passa na vida, o tempo também. Cresci, e hoje não sou mais aquela menininha que adorava brincar, por muitas coisas passei, boas e ruins, amadureci. A casinha não existe mais, nem o balanço, apenas a bergamoteira que ainda dá frutas, e minhas lembranças que levarei comigo por toda minha vida.

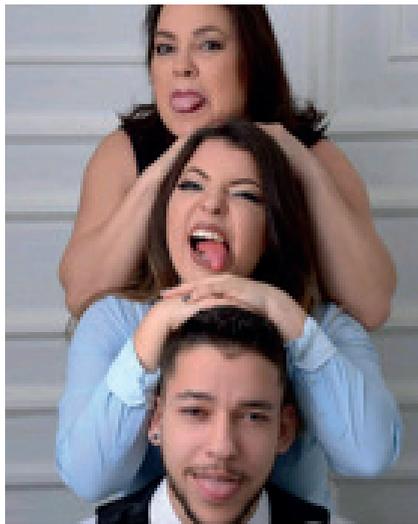
Poder recordar de nossa infância é uma dádiva, porque nos faz voltar lá atrás de nossa jornada, mostrando a nossa evolução, o que passamos, e o quanto mudamos com o

tempo. São tantos acontecimentos, sejam eles bons ou ruins, que esquecemos dessa fase, e de como é bom ser criança, inocente, e simplesmente doce.

# De uma infância que não tive, para o melhor de mim

---

Angela Maria Ferreira



Olá! Sou a Angela. Tenho certeza que minha história não deve ser muito diferente de muitas histórias contadas aqui. Tive uma infância um pouco conturbada, infância na realidade acho que não tive, pois antes dos nove anos já tinha que ajudar nas tarefas de casa. Acho que com dez onze anos já tive que cuidar de dois irmãos meus menores, porque os de mais idade tinham que trabalhar fora, e minha mãe passava mais no hospital com

meu pai do que com a gente em casa. Não consegui nem estudar nessa fase, só comecei estudar firme mesmo, infelizmente, depois que meu pai faleceu, quando minha mãe conseguiu ficar mais em casa.

Fui fazer minha segunda série com doze anos, tinha vergonha pela idade avançada, mas entendia que não era um problema que eu causei e, sim, as circunstâncias da vida. Estudei até a sexta série, com 16 anos. Daí comecei a namorar e casei com dezessete anos.

Dois anos depois tive minha filha, uma menina linda, bochechuda de olhos azuis (sabe aquele anjo que entra na tua vida e que tu sabe que vai mudar tudo? Pois é, dali em diante tudo mudou). Chegou a minha Pamela, aquela que fica toda orgulhosa quando nos acham muito parecidas e que, algumas vezes, acham que somos irmãs; e olha que às vezes até somos mesmo: irmãs, amigas, e muito amigas por

sinal. Uma filha que só me dá orgulho de ser mãe dela. E, dez anos depois, vem meu menino. Esse tive que me cuidar pra poder tê-lo, seis meses praticamente em cima de uma cama por ser uma gravidez de risco. Mas, passaria tudo de novo pra ter ele, um menino calmo que não chorava nem pra mamar, outro anjo pra mim. Meu Giuliano, estudioso, inteligente, é aquele menino que não teve rebeldia de adolescente, que não teve problemas com a rua.

Acho que, como mãe, fui muito abençoada, só agradeço a Deus pelos filhos que tive. E hoje estou aqui com 49 anos, fazendo um Curso Técnico em Administração pelo Proeja do IFSUL. E, para mostrar para muitas pessoas que nunca devemos desistir, hoje com muito mais dificuldades, com certeza, mas com uma cabeça cheia de ideias e muita vontade de aprender. Bom, essa é a história da minha vida que acho que deveria ser contada.

## Um sábado turbulento

Cláudia Suzane de Oliveira



Era um sábado lindo, ensolarado, morávamos em São Leopoldo, no Bairro Feitoria. Nós morávamos em frente de um campo de futebol que tinha uma

praça para as crianças e quadra de vôlei, um lugar muito bonito e agradável, onde sentávamos todas as tardes para tomar chimarrão e olhar as crianças brincar.

Tenho três filhos, amo eles, mas vou contar a história de Bianca. Aconteceu no ano de 2007, o meu filho Edilson tinha 12 anos, e Fabíola tinha 8. Bianca tinha 7 anos.

Parecia um sábado normal como os outros, nós sempre nos preparávamos para ir a igreja, mas não me acordei bem, me levantei com uma dor que nunca havia sentido antes, doía meu abdômen e essa dor passou para cabeça, doía dos olhos até a nuca, eu achava que poderia ser a minha pressão mas agi normalmente.

Nós sempre nos deslocávamos para vir na igreja em Sapucaia, mas naquele dia resolvemos ir na igreja de um tio do meu ex marido que ficava mais perto pra nós. Fui com minhas cunhadas e as crianças, mas o Edilson, meu filho não quis ir pois estava angustiado.

Durante o culto não consegui me concentrar de tanta dor, e minha cunhada me deu um remédio pra pressão alta, mas não adiantou nada. Essa dor era um aviso de algo muito ruim iria acontecer. Ao terminar o culto, como sempre de costume, a gente ficava conversando com as pessoas na frente da igreja e as crianças ficavam ali brincando. Na frente da igreja tinha uma lombá e uma rua de paralelepípedo que os carros passavam com muita velocidade. Minha filha atravessou a rua correndo atrás de sua prima Natália! Ouvi um estouro, quase morri naquele momento ao ver minha filha desmaiada. Ela foi atropelada por uma moto, e foi a pior cena de minha vida. Tão pequena, sem eu poder fazer nada, só pedir pra Deus não levar minha caçula. Naquele momento, eu chorava muito e veio um obreiro da igreja e orou por ela e ela se acordou, tinha sangue pra todo lado.

Apareceram dois homens que eu não conhecia, um pegou ela no colo rapidamente e o outro pegou seu carro para levar ela para o hospital Centenário. Eu fiquei no banco de trás, chorava muito, quando uma coisa me chamou atenção: ela estava preocupada porque eu estava chorando, ela dizia não chora mãe! Aí eu fiquei sem chorar para dar força pra ela, mas eu fiquei preocupada. Foi quando ouvi o homem que estava com minha filha no colo dizer para o motorista “corre, que ela está perdendo muito sangue!” e aí ele correu muito.

Quando chegamos no hospital, o homem desceu com minha filha no colo, a roupa dele estava lavada de sangue. Ele entrou direto com ela, nunca vi tantos médicos e em volta de uma criança, eles disseram que ela não podia dormir pois tinha batido com a cabeça. Faziam perguntas para chamar a atenção dela e ela tremia muito, colocaram colar cervical nela e fizeram vários exames.

Enquanto fomos para o hospital, houve desespero na igreja, quem viu como aconteceu achou que minha filha tinha morrido ou ia morrer, foi feio. Mas, o pastor vendo o

choro das pessoas, pediu que o pessoal entrasse na igreja para orar por ela, que Deus daria o livramento para ela, aí entraram o oraram.

Graças a Deus, ela teve o livramento da morte, os exames deram tudo ,não quebrou nada e só levou uns seis pontos na cabeça. Hoje ela tem vinte anos, é uma moça trabalhadora e esforçada, tenho orgulho dela e dos filhos que tenho, e agora, da minha nora Kamila e do meu genro Luiz. Agradeço a Deus todos os dias pela minha família!

## A história da minha vida

Elidiane Duarte Machado



Minha história começa assim, eu tinha 18 anos e estava indo no grupo de jovens da igreja. Estava sentindo muita dor no braço direito e era o dia do aniversário de 15 anos da minha irmã Diefnifer. O braço direito e o peito estavam doendo muito, eu segurei muito para não estragar a festa de aniversário da minha irmãzinha.

Logo depois fui em tudo que era médico, todos diziam que a dor que eu sentia era psicológica, que era da minha cabeça, me encaminharam para o psiquiatra, que receitou um tratamento.

No meio deste tratamento, fiquei 3 dias sem enxergar por causa das medicações. Tive acompanhamento com a psicóloga.

Alguns anos depois, quando eu já tinha 25 anos e trabalhava na Fibraplac, continuava a sentir dores terríveis, quase cheguei a desmaiar várias vezes.

A empresa pediu para eu fazer alguns exames, esses exames eram para me demitir, eu sem saber fui fazer. Me colocaram pra rua da empresa, recebi meus direitos.

Por sentir muitas dores, fui parar no Instituto do Coração. Lá descobri que tinha que trocar a válvula do meu coração, e me perguntaram se era para colocar mecânica, tecido ou de touro, não sabia o que responder, deixei na mão da família que estava me acompanhando, então desmaiei. Fui operada e trocaram a válvula por uma de porco. Fiquei

em coma, me vi morta e acordei dias depois. Ao acordar, perguntei à médica se eu havia morrido, pois estava em local totalmente branco. A médica respondeu que a primeira válvula, mecânica, não havia funcionado, e tiveram que trocar por uma de porco. Ela também disse que eu tinha morrido, mas que ela conseguiu inverter e voltei à vida.

Quando acordei do coma, tive que aprender a mexer o pescoço, aprender a mexer o corpo, a andar, foi difícil, pois não aceitava não mexer as pernas, me assustei.

Eu chorava muito, pois ficava nua na frente de pessoas estranhas, completamente em pânico, somente enrolada em um lençol branco, momento horrível.

Os dias foram passando e, com a fisioterapia, eu levantei, fui aprendendo a viver, saí do hospital, fui pra minha casa. Depois de recuperada, chegou um ponto que eu não aguentava ficar em casa, foi então que decidi continuar os estudos, me formei no ensino fundamental me inscrevi para o IFSUL. Fui aceita, ao chegar quem me recebeu de braços abertos foi o Professor Guilherme, e fui convidada a fazer projetos com a Professora Vanessa.

Nesta época, por causa da anestesia da cirurgia, comecei a perder meus cabelos. Comecei a usar uma peruca. Tive muitos estresses por ter ansiedade em querer fazer as atividades e não conseguir.

Esta história é sobre a minha superação de vida, que ao lado da minha mãe, minha melhor amiga consegui superar, superei também a matemática com a ajuda do professor Marcelo, um professor show de bola, que me fez amar a disciplina.

Mais importante do aprendizado neste tempo foi que aprendi que Deus existe, e de tão grande que é o seu amor por mim, e me fez entender e acreditar em seu amor. Hoje eu conto essa história para que as pessoas também acreditem e tenham fé que Deus tudo pode resolver.

## Casamento dos Meus Sonhos

Fabiana Cavalheiro



Dia 09/11/2012. Aqui começa uma história que posso dizer que foi um dos dias mais importantes da minha vida. Dia do meu casamento perante Deus.

A história acontece depois de 19 anos de união entre mim e ele, Luís Cesar. Achei que não seria mais possível realizar esse sonho, depois de nossas filhas terem crescido. Porém, ele me fez essa fantástica surpresa. Nós sempre íamos na missa, todo domingo. E minha filha mais velha, Larissa, participava de um grupo de jovens, o JAS.

Ela sempre nos dizia o quanto achava importante nos casarmos na igreja. Acho que foi o incentivo dela que motivou meu marido.

Na nossa comunidade, todo ano realizavam os casamentos comunitários, não eram muitos casais, talvez no máximo uns seis. Então, o Cesar resolveu nos inscrever e durante essa grande decisão, convidou minha irmã e meu cunhado para casarem juntos.

Através da parceria com a Cleia Noivas, ganhamos os vestidos e ternos. Essa iniciativa foi muito boa, pois se tivéssemos que gastar com as roupas, não teríamos condições. Casamos numa sexta-feira, com direito a padrinhos, cerimônia, tudo que sempre sonhei. Quando entrei na igreja, estava tudo radiante, todos me olhavam, me senti muito linda e realizada. Depois de casarmos, nossa recepção foi feita no

salão ao lado, onde contratamos as fotos e decoração, sendo o único gasto que tivemos.

Quando descemos as escadas em direção ao salão, eu me emocionei muito, ao sermos recebidos com prestígio pelos familiares e amigos. Minha mãe estava muito linda, uma pena o meu pai não estar mais entre nós para ter visto esse momento, mas tenho certeza que onde ele estivesse, estava muito feliz por nós. Foi uma noite linda, aproveitamos muito e esse dia vai estar sempre guardado com muito carinho na minha memória e no meu coração.

Apesar de acontecerem muitas coisas em nossas vidas, boas e ruins, queria deixar aqui registrado esta história que é muito importante para mim. Hoje já se passaram oito anos e, não importa o que aconteça, sempre temos algo para aprender e agradecer. Que a minha história seja um incentivo para todos que queiram realizar seus sonhos.

## Cumplicidade de duas irmãs

Jaquelina da Silva Lima

No ano de 1995, eu tinha 17 anos, e minha irmã, 18. Éramos muito amigas, cúmplices uma da outra, quase almas gêmeas. Eu ficava feliz com suas conquistas e ela com as minhas, acontecia algo estranho entre nós, pois quando ela saía, antes de voltar para casa eu poderia sentir que ela estava voltando.

Minha irmã Márcia era casada há dois anos e morava nos fundos de minha casa. Nós nunca nos largávamos, pois apesar de termos nossas vidas particulares, estávamos sempre juntas.

Passados alguns meses depois do segundo ano de seu casamento, ela ficou grávida e a nossa felicidade foi tremenda, era o nosso bebê, uma bênção de Deus para nossa família.

Sua gravidez foi tranquila. Chegando o dia do parto, antes de ir para a maternidade, Márcia me deu um abraço forte e disse que me amava muito, sorrindo; minha mãe e o marido dela foram juntos acompanhá-la.

Mas eu sentia que havia algo errado, a espera era de bastante ansiedade, queria saber logo se estava tudo bem, pois eu e meu pai ficamos em casa esperando.

Depois de umas quatro horas de espera, ouvi o barulho no portão e corri ao encontro de minha mãe. Ela estava com meu sobrinho no colo e chorava. mal conseguindo falar.

Então veio a má notícia. Minha mãe me abraçou e falou assim:

-Filha, sua irmã partiu para Deus, mas deixou um pedacinho dela.

Senti meu chão cair, senti muito medo. Foi o pior sentimento da minha vida.

Mas, então, veio a superação: eu tinha que reagir, pois havia uma linda criança que precisava de mim e de minha família. Cada vez que eu olhava para meu sobrinho, Alessandro, me sentia perto de minha irmã. Não foi fácil, mas

hoje ele está com 24 anos, se tornou um homem, é casado, mora em outra cidade, mas sempre quando pode ele vem me visitar.

É como sempre dizem: “Deus nunca te deixa sozinha!”

Jean Lucas da Silva

Apesar de ter algumas histórias marcantes para contar, achei interessante falar sobre uma que me ajudou a evoluir mentalmente. Eu nunca fui uma pessoa que se relaciona fácil (amorosamente falando), se eu não estiver 100% envolvido, prefiro ficar sozinho, essa história é sobre o namoro mais marcante até o momento da minha vida, foi por um curto tempo, eu com 19 e ela 17 e durou o ano de 2016.

Antes disso, namorei por 3 anos, porém, não foi algo intenso, já a intensidade desse namoro que veio após, foi tão grande que parecia aqueles primeiros amores que a gente acredita ser para sempre, e por um tempo acreditei, a nossa relação era visivelmente intensa que até quem não conhecia já sabia que tínhamos algo forte.

Entretanto, a família dela interferia bastante no nosso namoro, no início a gente estava disposto a enfrentar tudo e todos, mas com o tempo foi ficando desgastante para ambos. Chegou um momento que eu já sabia que o fim estava próximo e, tudo bem, já estávamos esperando por isso, mas ela estava tão magoada a ponto de soltar todo o peso que ela sentia para mim, me dizendo coisas muito pesadas que só de lembrar dói. Isso me machucou tanto emocionalmente, que acabei entrando em depressão ao terminarmos, vale lembrar que minha mãe tem ela como uma filha, e mesmo dias depois de terminarmos, minha mãe postou uma foto com ela na praia, fui perguntar para ela como ela podia ter feito isso e a resposta dela foi: “a briga foi entre vocês, não comigo”, eu fiquei arrasado com a falta de apoio e isso fez eu me sentir pior ainda.

Bom, como eu disse, eu entrei em depressão, e fiquei meses no fundo do poço, pois eu não sou do tipo que demonstra e ninguém percebeu também. Até que um dia, um amigo que me conhecia a mais de 10 anos e também ex colega de boxe, me convidou para voltar a treinar, pois ele

estava perto de uma luta e não tinha parceiro de treino. Eu sempre amei treinar, acabei parando justamente pelo namoro, pois com os estudos, e tempo para ir na casa dela, não tive mais tempo para treinar, então ao ficar solteiro resolvi voltar! E foi a melhor coisa que decidi fazer. Graças a ele, eu venci a depressão, pois eu não tinha mais tempo para me deixar abalar, treinava de segunda a sábado, no mínimo 3 horas por dia.

E, com o passar do tempo, após esfriar minha cabeça e analisar os fatos com mais razão do que emoção, pude perceber que as coisas que ela me disse eram feridas dela e não minhas. Hoje estou muito bem, aprendi que amores vem e vão e que decepções vão acontecer, mas minha intenção com esse texto é mostrar que mesmo em momentos complicados da nossa vida, nós podemos dar a volta por cima, uma decepção não será o fim do mundo, basta se levantar e recomeçar. Pode ser meio careta, mas ainda acredito no amor e não deixarei de ser quem eu sou por um que deu errado.

## Aquela maldita tarde chuvosa

Karen Paola Alves dos Santos



Lembro-me como se fosse hoje daquela sensação gostosa de chupar bico, aquilo me acalmava muito, não vivia sem e sempre que perdia era aquela confusão de meu pai ir nos armazéns atrás de bico para comprar, por que eu não dormia sem ele. Estava no auge da minha terceira série, sim, ainda sou do tempo da série, onde tinha meus colegas que, acredito, não chupavam mais bico. Por incrível que pareça, eu com meu 1,50m de agora, era a mais alta da turma e, por

isso, sentava no fundão da sala. Como eu tinha essa vantagem de sentar escondidinha lá atrás, levava meu biquinho de vez em quando pra aula, na minha incrível inocência fingia pegar algo na minha mochila e dava uma chupadinha no bico. Pois bem, eu era apaixonadinha por um coleguinha assim como qualquer menina nessa idade, loiro, de cabelos lisos, o mais magricelinho da turma. Pra mim era um deus grego, se chama Guto, éramos muito amigos dentro do que minha timidez permita, ele tinha uma prima que estudava com nós e nos dávamos muito bem, eu tava feliz, tudo à minha volta perfeito, até que uma tragédia aconteceu.

Pra quem achou que alguém morreu, não, ninguém morreu. Era uma tarde chuvosa depois da aula, estava eu

bem bela em minha casa e por motivo, razão ou circunstância que eu não me lembro, fui para a porta da minha casa. Detalhe: estava com meu bico na boca. Para minha surpresa, quem estava passando bem na hora? Carol , a tal prima do Guto que falei. “A casa caiu”, pensei eu, me desesperei porque ela me viu tirando o bico rápido. Como ainda não era modinha criança usar celular naquela época, eu não tinha nem como enviar uma mensagem ou até mesmo uma carta para Carol não contar nada para seu primo. A noite foi longa e a manhã mais ainda, pois estudávamos à tarde. Enfim chegou a dita hora da aula e fui bem faceira fingindo saber de nada, mas não colou, ligeiramente veio ela me debochando dizendo que ia contar pra turma toda que eu chupava bico, mas não me preocupava com a turma, só com o Guto.

Enfim, pedi pra ela não contar pra ele e prometi parar de chupar bico depois dessa vergonha, porque afinal, já tinha meus 10 anos e já era tímida, imagina passar por esse constrangimento todo! Felizmente, larguei meu bico e desencantei do Guto, e digo mais: essa história de que chupar bico até tarde entorta os dentes é, mito sou a prova viva, meus dentes são retinhos.

Keterly Amanda Scoss Duarte



Foi um dia no ensino fundamental, eu tinha 14 anos. Minha avó Geneci tinha 63 anos, estava doente e lutava há mais ou menos 3 anos contra um câncer. Neste dia eu fui normal-

mente para a escola mas, na hora do intervalo vi que tinha uma ligação de minha prima e retornei-a para ela novamente.

Ela atendeu chorando muito, e falou “Kety, eu e o tio estamos indo te buscar”. Naquele momento eu entrei em pânico, imaginei que algo teria acontecido com minha vó, pois há tempos ela já estava ruim e de cama. Fui até o portão da saída da escola e, quando abriram o portão, meu pai estava lá chorando, eu corri e o abracei. Eu dizia: “É a Vó, Pai?”, e ele disse: a gente vai lá ver ela. Ele me levou para o hospital, ela estava quase falecendo e os médicos haviam liberado para toda a família entrar e se despedir. Quando eu entrei, ela estava acordada, a abracei, chorei e não consegui dizer nada, apenas saí correndo. Assim, se passou a noite, a família chegando e se despedindo. Eram entre 10 filhos e 19 netos. Quando meu primo mais velho, o último neto que faltava, saiu do quarto chorando, e já vimos que ela havia partido.

Algum tempo se passou e eu ainda não tinha me recuperado totalmente da perda, pois sofria muito por conta da saudade e tristeza. Com isso, desenvolvi uma depressão pois não sabia lidar com a perda dela, sentia tanta falta, não tinha mais vontade de viver. Então, iniciei um tratamento com psi-

cólogo e psiquiatra pois andava muito irritada, estressada e tinha crises de raiva. Iniciei o tratamento com medicamentos e, aos poucos, fui aprendendo a lidar com tudo, mudei radicalmente eu como pessoa e repensei certas coisas na minha vida.

Tenho muito orgulho da mulher guerreira que foi minha Vó, e por ela que estou me tornando uma pessoa forte e guerreira e uma mulher independente. Hoje em dia eu sou uma mulher adulta, casada e vou ser mãe de uma menina que irá se chamar Lena. Eu levo comigo todas as lembranças da minha avó e quero passar a minha filha essa força e as histórias sobre ela.

## Um filme de nós dois

Lucas Klein



Era uma tarde ensolarada e eu estava na casa do meu pai, onde vivi pouco tempo de minha vida. Então eu ouvi alguém o chamar, e era uma amiga dele. Quando olhei em sua direção e vi, em sua companhia, uma menina de cabelos encaracolados, mais jovem, e um sorriso lindo e espontâneo que estava me olhando, na hora senti algo diferente, mas foi uma breve conversa, pois meu pai não estava em casa e elas foram embora. Dias depois, encontrei a mais jovem novamente, conversa-

mos um pouco mais de tempo, tempo o bastante para ela me dizer que também sentiu algo diferente ao me ver.

Fiquei surpreso e muito feliz com o que ela me dizia. Nesta mesma noite ficamos juntos e trocamos histórias de vida onde vimos que tínhamos os mesmos problemas na questão familiar e na vida e que nos aproximaram ainda mais pelo fato de encontrarmos apoio e compreensão um no outro e, quando dei por mim, em mais ou menos uma semana já estávamos vivendo juntos. Eu, com 17 anos, e ela com 15, como em um filme romântico com uma pitada de comédia. Vivíamos livres fazendo tudo o que nós queríamos, ela me mostrou o quanto a vida podia ser intensa e feliz .

Creio que esta história da minha vida merece ser contada agora 19 anos depois , e as lembranças que contei aqui levarei comigo pra sempre.

## A pedra no meu caminho

Marilene da Silva

Era verão, mais um dia aparentemente comum, o dia amanheceu lindo; sol brilhando, calor..., sempre gostei de andar a pé, meus calçados que o dizem -.Caminho por prazer e claro, que o preço do transporte público também me estimula muito a não usá-lo.

Neste dia saí de casa com o tempo calculado para chegar até a estação Sapucaia (como acontece todos os dias), pegar o trem e desembarcar na estação mercado (POA) para enfim chegar ao meu trabalho. Quando estava entre minha casa e a estação Sapucaia, tropecei em uma pedra solta na calçada, e meu único par de sandálias arreventou! E agora, o que posso fazer? Então pensei: - “ Voltar para casa não vai dar tempo e eu nem teria outra sandália para colocar”, então decidi seguir , peguei a que estava arreventada na mão e a outra ficou no pé, segui em frente sem olhar para os lados.

Quando embarquei no trem me senti aliviada por alguns instantes, mas logo lembrei que teria o deslocamento da estação mercado até o meu trabalho que ficava na rua Dos Andradas e também , teria que pensar em uma forma de solucionar o problema, pois não teria como comprar outra e passar o dia no trabalho com um pé descalço, não seria uma boa ideia. Desembarquei do trem, estava a caminho do meu trabalho pensando como resolveria a situação, foi quando avistei uma loja que estava em reforma, fui até lá e expliquei minha situação então perguntei se teriam algum tipo de cola, e para meu alívio tinha cola! E por sinal muito boa, pois usei minha sandália muitas vezes depois do incidente.

## Lutando pela vida

Paulo Sérgio Machado Oliveira



Aconteceu em junho de 2020. Minha irmã sandra sempre teve uma doença que se chama asma brônquica, é uma doença respiratória imprevisível, pois tem dias que a pessoa não apresenta sintomas e tem dias que pode ter crises de falta de ar. Foi em uma dessas crises que percebi que ela estava passando mal. Agindo rápido peguei -a nos braços e levei ao pronto socorro, assim que cheguei ao hospital ela teve uma parada respiratória. O médico nos informou que era muito grave e que teria pouca chance de sobreviver.

Precisou ficar entubada por quase um mês e, cada dia que se passava, era aquela agonia pois tínhamos medo de perdê-la. Mesmo com os cuidados médicos, ainda continuava em coma profundo. Dias depois, fui visitá-la e, ao conversar com ela, para minha surpresa, ela abriu os olhos e estava confusa, não expressava nenhuma palavra. Chamei as enfermeiras que logo avisaram ao médico. Ele me informou que ela teria que reaprender a falar e caminhar novamente, e só dependia dela.

Após algumas semanas, com tratamento adequado, força de vontade e, acima de tudo, com fé em Deus, hoje, Sandra já está caminhando e falando, sem nenhuma sequelas. A recuperação dela é uma prova que na vida não existem barreiras e que não estamos só basta lutar que venceremos qualquer doença.

Agradeço a Deus por dar a ela uma segunda chance, e aos médicos que fizeram de tudo para salvá-la.

Sidnei Eugenio dos Santos Júnior

Me preparo para mais uma tarde de aula, novamente uma tarde naquele hospício, estou sempre nervoso e ansioso. É provável que eles estarão lá, prontos para me atormentar, enquanto isso saio na porta caminhado em direção à escola avisto outros que também estão indo para lá, é um alívio quando não me percebem, para alguns sou invisível já para outros motivo de escárnio, considerado por todos um zero a esquerda, enquanto isso amigos vão se encontrando ao longo do caminho e grupos vão se formando todos rumo a escola, continuo no meu canto enquanto minha mente pensa em um turbilhão de coisas, a ansiedade faz com que me apresse passando na frente deles, possivelmente não me notariam se não fosse pelo maldito tombo que levei ao tropicar em uma laje que estava solta na calçada, a ideia era me levantar e fingir que nada aconteceu mas ouvi vozes e gargalhadas, também comentaram dizendo: “Que idiota, que burro”. eles se divertiam sempre que viam eu me dando mal.

Chegando na escola, entrava como se fosse um ninja, tentando passar despercebido pois lá a tensão era maior ainda, eu iria apanhar se os "malandros" me avistassem. De qualquer forma é impossível atravessar aquele pátio ileso, há crianças correndo para um lado e para o outro esbarrando e batendo nos demais e contar com a sorte para não ser escolhido pelos pequenos servindo de monstro do Power Rangers levando socos na barriga e pontapés nas canelas, entende por que me referi a escola como hospício ?

Quando entrava na sala de aula buscava sentar em um canto onde eu ficava excluído e isolado, porque ninguém queria ser amigo do "cara esquisito", como eles mesmos diziam, das garotas então nem se fala, elas comentavam umas com as outras na minha frente dizendo:”Eu com esse cara ?” “Ele é esquisito!” “Se veste mal, usa óculos, quem é que vai querer isso!” e também falavam que "pegaria mal só de ser

vista do meu lado".

A concentração já foi embora há muito tempo, todas estas coisas cotidianas tem me perturbado e como consequência meu rendimento tem piorado, motivação não tenho mais, eu que era um dos mais esforçados agora sou um dos piores, além de sofrer Bullying estou com déficit de atenção e desencadeando transtorno de ansiedade, devido ao alto nível de estresse. A coordenadora já me encaminhou para os psicólogos, a minha vontade era abandonar a escola, mas tem muita pressão dos meus pais e professores para que eu mude e aprenda a conviver com essa situação. Me diziam que isso só teria fim quando eu mudasse a minha postura, como se eu fosse o próprio problema, tudo isso chegou ao conhecimento dos "malandros". Nesta tarde, depois de eu ter uma longa conversa com as coordenadoras, elas então chamaram o grupinho, para que se explicassem a respeito das brincadeiras, da "zueira" que faziam comigo, certo agora está resolvido né ?

Não, foi daí que piorou, as agressões ficaram mais intensas, no intervalo eu tinha que me esconder para ter um momento de paz, quando me viam me empurravam com o peito, chutes, e beliscões são mais discretos que surra em público, se fosse fora dos muros seria espancado com certeza e por último sempre ameaçavam dizendo: "Vou te quebrar!" "Tu vai ver, te liga!". Comecei acreditar que agora poderiam até me matar.

Quando finalmente chegou ao fim da tarde letiva, por volta das 17h, andei entre as crianças que estavam acompanhadas de seus pais, aquelas pessoas que eu tinha um pouco de afinidade e elas por mim, desta vez fiz diferente por estar pressentindo que o pior poderia me ocorrer. Antes costumava sair primeiro quando tinha o privilégio, algo raro, na maioria das vezes esperava toda a escola e saía por último para não ser perturbado por ninguém.

Chegando em casa fui me trocar e em seguida assistir desenhos para relaxar e me distrair, era um costume fazer isso mas dessa vez minha mãe passou no meu quarto e reparou hematomas enquanto eu trocava de roupa, ela perguntou:

"O que é isso aí Júnior ? Aqueles guris te bateram ?". Encabulado respondi: "Não, isso não é nada...na verdade cai durante a aula de esportes". Minha mãe com o semblante de desconfiada contestou : "Pelas formas não é possível que você tenha caído, te conheço bem e tem algo que esconde de mim, mas vou descobrir". Ela deixou o quarto enquanto eu estava desacreditado sendo dominado por sentimentos de pura maldade para comigo e com os demais, caindo em trevas absolutas, nisso também aumentava minha ansiedade, levando a síndrome do pânico, passou-se alguns minutos e bateram a porta, eu com tremenda indisposição fui me arrastando como um zumbi para ver quem era, três mulheres em roupas sociais, se apresentaram como testemunhas de Jeováh, pensei : "E eu com isso?" Dissimulado peguei o encarte que me ofereciam, elas agradeceram e partiram, olhei a capa e dizia justamente o que eu vinha sentindo ao longo desse tempo, folheando as páginas haviam textos sobre ansiedade e depressão, mas um específico me chamou atenção, era um versículo bíblico bem conhecido, de Jesus e dizia assim : Mateus 11:28-30 "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve."

Raciocinando, cheguei na conclusão de que não era coincidência já que eles nunca haviam batido na minha porta antes. Tive uma experiência que não consigo explicar, era como se aquelas mulheres fossem três anjos trazendo uma mensagem de Deus para mim, eu que até então já havia ido em algumas igrejas, mas me mantinha um cara cético, passei a acreditar daquele momento em diante.

Tomei a decisão de deixar pra lá todos esses problemas, na escola pedi transferência para estudar no turno da noite. Minha mãe concordou e me apoiou o tempo inteiro, investi na minha qualificação profissional, fazendo Senai, estudando de dia e também de noite.

Nunca mais vi aqueles que me perturbavam, comecei a ocupar meu tempo com propósitos que agredassem bons

conhecimentos, e com a minha fé me mantenho erguido, como um guerreiro no campo de batalha, assim me mantenho diante dos problemas.

Naquele ano de 1970, em Sapucaia do Sul, com apenas nove anos de idade, havia liberdade de brincar nas ruas sem haver nenhum medo, não havia calçadas e apenas muita terra onde eu e minhas amigas da escola ficávamos todas sujas, empoeiradas de tanto brincar. Quando chovia, brincávamos na chuva, nas grandes poças de água, fazendo uma aventura como se fosse uma grande praia. Quando tinha o sol, sempre havia uma brincadeira diferente, pega-pega, esconde-esconde, pega-ladrão entre outras. Corríamos tanto que no final da tarde todas íamos para nossas casas, pois o banho nos esperava, o jantar e, logo, adormecíamos, pois não tinha televisão, e no outro dia acordávamos cedo para irmos para a escola.

Em uma tarde, estávamos todas reunidas na rua. Vivi, minha amiga da escola, morava ao lado de minha casa, era muito sapeca e gostava de se meter em grandes confusões. Sandra estudava conosco, era alta e parecia mais responsável, e eu, a tímida que acompanhava as brincadeiras. Neste dia, fomos até a casa de Márcia porque ela não havia aparecido para brincar. A casa dela tinha um muro alto e não tinha portão, e aquela escadaria era o meu lugar preferido de subir e descer, pois sempre brincávamos lá. Logo, fomos tomando conta do espaço pois não havia ninguém em casa, vimos uma enorme goiabeira com muitas goiabas maduras e verdes.

Subir na árvore era uma aventura, e comer sem limites! Até que chegou a mãe de Márcia, ao olhar para o chão com um olhar assustador:

- O que é isso, meninas? Como pode vocês entrarem em minha casa, e fazerem esse estrago no que não é de vocês? Quem permitiu que vocês entrassem?

Então, nós olhamos e percebemos o que havíamos feito, o chão estava repleto de goiabas, desperdiçadas. As pa-

lavras foram duras e as lágrimas brotavam em meus olhos, sabendo que ela tinha razão do que ela estava falando. Só eu chorava, baixei a cabeça envergonhada do que havíamos feito, e fui para casa, e não deixei que minha mãe percebesse que havia chorado. Ela nunca ficou sabendo o porquê que nunca mais fui brincar na casa de Márcia.

Até hoje sou fascinada por goiaba, mas lembro também da mãe de Márcia, cada vez que como uma. A história jamais será esquecida!

## Meu Primeiro Amor

Taiana Silva da Silva



Minha vida aos 16 anos encontrava-se em uma fase difícil de revolta, onde tinha deixado as responsabilidades de lado, porque não me encontrava em mim mesma por conta de uma perda de extrema importância na minha vida que ocorreu no ano 1998. No ano 2003, no mês de setembro, me deparei com a confirmação de uma gravidez, que foi tranquila kkkk até demais, mas tive que fazer tudo às pressas pois faltavam apenas quatro meses para ver o rosto do meu pequeno.

Meu filho me transformou em uma pessoa melhor e, realmente, mudou minha vida. Tudo que pra mim não fazia sentido, aquele pequeno ser transformou em esperança e amor. Estava concluindo o ensino fundamental, minha turma 803, em conjunto com os professores, me escolheu para ser a oradora, para me incentivar e reconhecer a minha determinação (que apesar de ser nova não abri mão do meu filho e nem mesmo dos estudos). Até hoje sou grata por isso.

Hoje grito aos quatro ventos que amo demais meus filhos, pois atualmente tenho o menino que se chama Andriw, com 16 anos, e a Aryelle, com 06 anos. Agradeço por existirem em minha vida. Cresci muito com cada um deles e sou eternamente honrada por fazerem parte do meu elenco e os protagonistas principais da minha existência.

Tatiane Cardoso da Silva



Aos 12 anos de idade, eu fui morar com meu irmão e sua família, logo após o falecimento de minha mãe, em Imbé. Eu e meu sobrinho Bruno, de 9 anos, éramos muito amigos e companheiros, nós íamos pra escola juntos e fazíamos curso de computação na mesma turma em Tramandaí.

Enfim, eu tinha um amigo, companheiro pra tudo, até pra secar a louça quando eu lavava. Fazíamos muitos planos de brincadeiras, de estudos, passeios e muitas outras coisas divertidas.

Em uma sexta-feira à noite, durante o jantar, eu e o Bruno havíamos combinado de ir até a escola de informática no sábado, após o almoço, pois a aula aos sábados era livre e podíamos praticar o que quiséssemos. Eu iria baixar uns jogos no disquete e ele, faria no computador uma planta da casa muito bonita que meu irmão estava construindo em Atlântida Sul, pois Bruno queria ser Engenheiro Civil.

Era inverno na praia, um sábado de sol lindo, dia 09 de julho de 1999. Por volta das 9 horas da manhã, depois que tomou café, meu sobrinho deu tchau para nós e pegou sua bicicleta para encontrar meu irmão.

Eu e minha cunhada ficamos arrumando a casa. Ao meio-dia meu irmão chegou sozinho e perguntou para minha cunhada: “por que o Bruno não foi?” minha cunhada estava fritando batata, saiu na rua e disse: “o Bruno foi, ele saiu eram umas 9 horas, tu não brinca, cadê ele?”

Meu irmão, já apavorado entendendo que fazia horas que o Bruno saiu e não chegou ao seu destino, pegou a moto com meu outro irmão que trabalhava com ele, e foram refazer o trajeto que o Bruno teria feito. Foi então que, minutos depois, voltou meu irmão trazendo apenas a bicicleta. Aí o pesadelo começou. Procuramos por meu sobrinho imediatamente. Foi muito rápida a notícia, logo já estava nos rádios. À noite já estava no jornal da tv. Mas, até hoje, quase 21 anos depois, só o que temos são saudades, e perguntas sem respostas. Até hoje espero ele chegar para realizar algumas de nossas ideias, nossos planos. sinto que aquele sábado começou e não teve fim.



## Realização



Edição acessível: confira os áudios das histórias, narradas pelos autores, no site: [www.sapucaia.ifsul.edu.br](http://www.sapucaia.ifsul.edu.br) ou pelo QR Code